

## USO TEATRAL DO ESPAÇO URBANO: EXPERIÊNCIAS DO GRUPO ZAP 18 e COMPANHIA CANDONGAS<sup>1</sup>

André Luiz Antunes Netto Carreira<sup>2</sup>, Patricia Leandra Barrufi Pinheiro<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho busca analisar e compreender o uso teatral do espaço urbano com estudo de caso dos grupos ZAP 18 e Companhia Candongas de Belo Horizonte (Minas Gerais), visando estudar e compreender as relações destes grupos com seu espaço cênico no âmbito do teatro mineiro. O interesse principal é relacionar as formas de apropriação espacial que predominam nestes casos, com vistas a estabelecer relações entre as utilizações do espaço com outras dimensões da atividade grupal (política, social), de forma a relacionar o espaço urbano com a construção de um novo olhar sobre a metrópole.

**Palavras-chave:** Teatro de grupo, espaço cênico, espaço urbano.

### 1. Introdução

Em viagem de trabalho de campo realizada em 2006, entrevistamos sete companhias teatrais que têm sedes na cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais. Foi então possível perceber que todos estes grupos destacam a importância de conquistar um espaço próprio onde se possa desenvolver atividades de ensaio, anseios artísticos e estéticos do grupo, projetos, confecção de cenários e figurinos, mas principalmente prestar serviços à comunidade. As companhias alegam em seus discursos que buscam um espaço com o intuito de estabelecer um diálogo com a cidade e com sua comunidade, de forma a fortalecer a ideia de teatro de grupo como um gestor de espaços culturais para o povo, lhes oferecendo oficinas, promoções, eventos e espetáculos teatrais gratuitos ou de baixo custo. Os grupos de teatro coletivo, principalmente os que possuem um espaço de trabalho na cidade, desenvolvem uma relação profunda com o local onde estão inseridos (o bairro e a própria cidade) e em consequência se relacionam melhor com a comunidade. Uma das propostas grupais, também está relacionada à possibilidade de manter uma atividade que tenha outros desdobramentos tanto em relação às pessoas envolvidas com arte, quanto para a população como um todo, buscando um diferencial artístico. Meu subprojeto objetiva analisar e compreender o uso teatral do espaço urbano com um estudo de caso. Tomo então o grupo ZAP 18 e Companhia Candongas de Belo Horizonte, visando estudar e compreender as relações destes grupos com seu espaço cênico no âmbito do teatro mineiro.

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa CEART/UEDESC

<sup>2</sup> Orientador, Professor do Departamento de Artes Cênicas - CEART/UEDESC.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Artes Cênicas – CEART/UEDESC, bolsista de iniciação científica do PIBIC/CNPq no Projeto de Pesquisa O Teatro de Grupo e a Construção de Modelos de Trabalho de Ator.

## 2. Teatro de grupo

Segundo Carreira, a idéia de teatro de grupo nos leva a pensar em uma organização duradoura, no ambiente na qual se relacionam os conceitos de cooperativismo e união (2004). Os grupos de teatro de grupo, buscam, por determinadas vezes, a investigação de uma identidade que corresponda à imagem coletiva. Isso é possível mediante a operação de um acordo ideológico e de uma conexão em comum afetiva entre os integrantes, como resultado das atividades que os grupos estruturam com o fim de consolidar seu espaço próprio no âmbito artístico. Para essa articulação coletiva também parece ser necessário um ideal comum de trabalho, com identificações intelectuais e estéticas, de modo a tornar a essência do grupo durável. Outro fator importante é a existência de decisões abrangentes buscando uma harmonia para trabalhos colaborativos dentro do núcleo.

## 3. Grupos ZAP 18 e Cia Candongas

Em visita à cidade de Belo Horizonte para pesquisa de campo, me deparei com uma cidade cinza, ao menos essa foi a impressão inicial e pessoal do lugar. A primeira questão foi: “O quê, em meio à essas ruas superpopulosas e agitadas, inspira esses grupos a se unirem e fazerem teatro?”. A resposta veio rápida, durante entrevista realizada com estes dois grupos, em suas próprias sedes de trabalho, podendo assim, constatar o amor e dedicação voltados para a cidade e seu povo, no intuito de divertir e fazer pensar. Estes grupos proporcionam apresentações de peças teatrais à grande parte da população de sua cidade. O grupo Zap 18 abre as portas de sua sede com o intuito de estreitar vínculos com o povo da periferia criando um círculo de relações e assiduidade por parte desse público. A Companhia Candongas também abre suas portas para a população periférica da capital mineira, mas seu trabalho é em maior parte voltado para as ruas da cidade, seja o centro ou os bairros de menor ou maior poder aquisitivo.

A Associação Zona de Arte da Periferia - ZAP 18<sup>4</sup> se origina da antiga Cia. Sonho & Drama, grupo fundado em Belo Horizonte em 1979. O ZAP transformou a sua sede em um prolongamento da própria cidade, abrindo suas portas para o povo da periferia de forma acolhedora e social. Segundo Cida Falabella em entrevista cedida ao grupo de pesquisa em setembro de 2006, o objetivo do grupo é *"levar uma atividade que tenha outros desdobramentos tanto em relação ao pessoal da classe artística, dos grupos, mas também da*

<sup>4</sup>O grupo é formado por Elisa Santana, Cida Falabella, Antônia Claret, Michele Ferreira, Gustavo Falabella Rocha, Ludmilla Ramalho, Wesley Rios e Renato Hermeto.

*comunidade como um todo, acho que é um pouco isso que a gente está buscando...esse diferencial"* (Cida Falabella, 2006).

O grupo é um dos fundadores do Movimento Teatro de Grupo de Minas Gerais (MTG) no início da década de 90 e integrou o Movimento Brasileiro de Teatro de Grupo. O galpão, construído com muita dedicação, tornou-se parte da paisagem urbanística de Belo Horizonte, sendo um espaço artístico e cultural que além de montagens teatrais se dedica à formação de atores e educação de jovens através da arte: *"O tipo de trabalho que a gente faz é esse, não visa necessariamente o lucro, o objetivo dele antes de tudo é uma relação com a questão artística, cultural, para a formação do cidadão, é possibilitar às pessoas uma nova leitura da realidade, é poesia, é arte, o espaço para reflexão"* (Cida Falabella, 2006).

O ZAP 18 aposta em um trabalho de descentralização cultural, trazendo a atenção para a periferia da cidade ao promover espetáculos, cursos e bazares com preços acessíveis: *"O espetáculo "Mãe Coragem", a idéia é circular por espaços fora desse centro...porque é isso mesmo, você fica lá no centro, esperando o público sair de casa pra ir te ver...e em muitos bairros da cidade, as pessoas estão a fim de ver alguma coisa e as coisas não chegam nelas, é inverter isso mesmo...não como uma verdade absoluta "Ah, agora só vai fazer na periferia!", acho que o contrário também é legal, trazer as pessoas de lá pra conhecer um teatro bacana...ir em lugares de grupos que tem um trabalho e que tenha esse trabalho pensando em mais coisas do que simplesmente fazer um espetáculo, que já é muito...eu sei que já é muito complicado a gente viver pra fazer espetáculo...mas grupos que já tem uma outra inserção ali, porque aí você vai pro seu trabalho e o seu trabalho tem um significado que não é aquela coisa"* (Cida Falabella, 2006).

O grupo Candongas & Outras Firulas<sup>5</sup> foi fundado a partir de uma oficina de Iniciação Teatral, ministrada através da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte em 1994. Desta experiência, em 1995, os integrantes foram convidados a participar do projeto "Usina de Teatro". À partir de 1998, a companhia optou pela independência cênica, desvinculando-se da Usina de Teatro, buscando assim uma identidade grupal. A Companhia Candongas também ministra cursos, principalmente para a comunidade do próprio bairro: *"A gente vira e mexe abre oficinas aqui na Casa de Candongas pra comunidade. E geralmente com um preço*

<sup>5</sup>O grupo é composto por Antônio Rodrigues, Cláudia Henrique, Guilherme Théo, Gustavo Bartolozzi, Wagner Vasconcelos e Fred Antoniazzi.

*muito simbólico, porque a comunidade aqui é muito carente e não tem condições de bancar o curso"* (Guilherme Théó e Wagner Vasconcelos, 2006)<sup>6</sup>

A maioria dos seus espetáculos são desenvolvidos especificamente para a rua, procurando abranger um grande número de espectadores. As encenações do grupo Candongas são voltadas para todas as idades e classes sociais, mas sua principal preocupação é conquistar a atenção do cidadão comum, que geralmente não possui acesso ao teatro e outras formas de manifestação artística: *"Quando a gente encontra esse público de fora da comunidade que não vai a teatro, é muito bom. Não sei se é porque a gente sempre chama a atenção deles e a gente sempre se inspira nesses artistas de rua mesmo. Se você for a uma praça famosa aqui de Belo Horizonte, a praça da Rodoviária, você vai ver uma roda de gente em volta de um artista que fica lá, às vezes vendendo ervas e faz uma apresentação. Esse público que gosta desse tipo de atividade, de manifestação cênica"* (Guilherme Théó e Wagner Vasconcelos, 2006)

Um de seus espetáculos de maior destaque na cidade, o "Commedias a La Carte", fundamenta-se numa pesquisa prática onde o grupo estudou os roteiros e os arquétipos (máscaras) característicos da Commedia dell'Arte. O nome do espetáculo não é por acaso: como num restaurante, o público tem o direito de escolher entre duas histórias, antes das apresentações, a que deseja assistir: *"A gente comemorou o nosso aniversário de 12 anos com ele porque é um espetáculo que a gente pode apresentar na rua, em praças, e a gente queria fazer o nosso aniversário com o povo mesmo. Bem a nossa cara assim, na rua, com qualquer tipo de pessoa, mesmo aquelas pessoas que não tem costuma de ir à uma sala de espetáculos. Foi muito bacana e teve um público bacana demais"* (Guilherme Théó e Wagner Vasconcelos, 2006).

O grupo acredita neste trabalho principalmente como provocação à reflexão e prática sobre o fazer teatral, visando desvendar caminhos que proporcionem a construção de um espetáculo de maior eficácia e comunicação com o público<sup>7</sup>: *"É lógico que a gente quer chegar num ponto de ter um público pagante interessante. Mas a gente prefere garantir de levar a nossa arte para o máximo de pessoas possíveis"* (Guilherme Théó e Wagner Vasconcelos, 2006).

<sup>6</sup>Entrevista cedida ao grupo de pesquisa em setembro de 2006.

<sup>7</sup>Fonte: Site Cia Candongas <http://www.ciacandongas.com.br/carte.htm> Acesso em 23/05/07.

Em seu artigo *Urbanismo Efêmero em Belo Horizonte*, o arquiteto mineiro Carlos Moreira Teixeira procura explicar sobre as potencialidades artísticas da capital de Minas Gerais:

“Belo Horizonte foi inaugurada em 1897 e se tornou hoje apenas mais uma cidade desplanejada. A poesia das largas avenidas vazias, a perspectiva da avenida Afonso Pena mirando a Serra do Curral, os tempos dos poetas das ruas desertas—tudo isso obviamente foi soterrado depois de cem anos de inoperância e absoluta falta de visão estratégica. Foi uma certa consideração pela potencial ‘teatralidade’ desses vazios como espaços para novas atividades que nos moveu a procurar lugares residuais totalmente inexplorados e que poderiam ser investigados em instalações, intervenções urbanas e projetos arquitetônicos isolados. A transformação desse espaço no próprio palco do espetáculo se encaixa na idéia de reverter os espaços negativos da cidade, aproveitando-os como espaços ativáveis” (TEIXEIRA, 2007).

Em seu *Dicionário de Teatro*, Patrice Pavis define o espaço cênico como o local onde o Homem prescreve suas intenções sociais, humanas e políticas, afim de expor sua proposta, seja ela poética, estética ou crítica. E é isso que os grupos Companhia Candongas e ZAP 18 fazem, cada um a sua forma, na vida da população da capital mineira, retomando o espaço público como um local de participação ativa.

Partindo da idéia de que a busca do lugar, da sede dos grupos é um elemento chave na estruturação do próprio sentimento de grupo, minha pesquisa tem como eixo o entendimento do papel deste local coletivo no desenvolvimento das atividades teatrais e a necessidade de ir além desse espaço.

Segundo Anne Ubersfeld, se o ator é o elemento fundamental no teatro, ele não pode existir sem um espaço onde se desenvolver, assim, a escolha por determinado espaço cênico também está conectada à noção de identidade grupal (2006). Já no espaço contemporâneo, a existência de uma diversidade experimental não torna concebível encerrar sua definição em uma estrutura imutável. Tornou-se um elemento dinâmico e ágil, visível da fabricação e manifestação do sentido.

O interesse principal é relacionar as formas de apropriação espacial que predominam nestes casos, com vistas a estabelecer relações entre as utilizações do espaço com outras dimensões da atividade grupal (política ou social), de forma a relacionar o espaço urbano com a construção de um novo olhar sobre a metrópole. Neste sentido, busca-se o entendimento da possibilidade de uma identidade espacial no contexto de Teatro de Grupo, considerando que o espaço do grupo tem o potencial de fortalecer o coletivo, ao mesmo tempo em que o trata com

as formas espaciais dos espetáculos estão condicionadas, tanto pelo projeto grupal inicial, como pelas condições concretas do dia a dia dos grupos. Também é interessante ressaltar que para o sucesso desses grupos teatrais frente a comunidade é necessário uma produção regular e de boa distinção teatral que alcance essa grande população que não possui o acesso às casas de espetáculos do centro da cidade.

#### 4. Considerações Finais

O material gerado a partir da aplicação do questionário nas entrevistas efetuadas na cidade de Belo Horizonte, possibilitou o surgimento de idéias e indagações sobre a importância e utilização do espaço urbano por esses grupos estudados. Neste estudo concebe-se o espaço como uma ligação entre texto, representações, público e atuantes. O espaço cênico nos é dado durante a cena teatral, pelo espetáculo, graças aos atores cujas evoluções gestuais circunscrevem o espaço cênico. Com base nisto, e apoiada em pesquisa bibliográfica, considero que o espaço do grupo tem o potencial de fortalecer o coletivo, ao mesmo tempo em que o trata com as formas espaciais dos espetáculos estão condicionadas, tanto pelo projeto grupal inicial, como pelas condições concretas do dia a dia dos grupos.

Acho importante concluir com uma citação de Silvana Garcia, que em seu livro *Teatro da Militância*, explica a relação dos atuantes teatrais com a comunidade, da mesma forma que os grupos ZAP 18 e Companhia Candongas se relacionam com a periferia de Belo Horizonte:

“O trabalho artístico-cultural das populações periféricas passa pela organização da própria comunidade e nada impede que os artistas contribuam para essa mobilização, mas sem alimentar a pretensão de se tornarem os seus promotores. Esse trabalho só poderá ser realizado a longo prazo e depende, também, de um movimento mais global, de apropriação, pelas classes trabalhadoras, de seus direitos de cidadania. Isso inclui, naturalmente, o direito de se expressar através da linguagem artística.” (GARCIA, 1990)

#### Referências

CARREIRA, André. **Distinções entre os conceitos de Teatro de Grupo e Grupo de Teatro.** *Relatório de Pesquisa.* Florianópolis: Udesc, 2004. 2 p. Circulação Restrita CEART – UDESC.

COSTA, Lúcio Coelho. **Interação sociedade-espaço urbano no contexto cultural em Belo Horizonte.** Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/pesquisaantonieta1.htm>. Acesso em 21 de maio de 2007.

GARCIA, Silvana. **Teatro de Militância**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

GOMES, Paulo César. **A Condição urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 132 - 138.

RAMOS, Célia Maria A. **Poéticas do Urbano**. Florianópolis: Bernúncia; Naemblu, 2005.

ROCHA, Maria Aparecida Falabella. **De sonho & drama a ZAP 18: a construção de uma identidade**. Dissertação (mestrado). Belo Horizonte: UFMG, Escola de Belas Artes, 2004. Escola Belas Artes da UFMG. Dissertação defendida em 03 de abril de 2006.

TEIXEIRA, Carlos Moreira. **Urbanismo efêmero em Belo Horizonte**. Minha Cidade. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc027/mc027.asp>. Acesso em 14 de maio de 2007.

UBERSFELD, Anne. **Espaço e Teatro**. São Paulo: Grupo Tempo. Disponível em: [http://www.grupotempo.com.br/tex\\_ubersfeld.html](http://www.grupotempo.com.br/tex_ubersfeld.html). Acesso em: 10 de dezembro de 2006.